

JUDGMENT OF REALITY AND THE STRUCTURE OF PSYCHOSIS: CONTRIBUTIONS OF PSYCHOANALYSIS TO PSYCHOPATHOLOGY

Rízia Eduarda Andrade

Independent researcher

Abstract: This article aims to develop the topic of psychosis from a structural perspective. The starting point is the judgment of reality and as this is expressed in a distorted way in the symptoms, it is necessary not only to recover the capacity for lucidity, but above all, to understand the affective origin that precipitated the subject into the pathological process. This work is justified by the already widely known fact that psychosis is a very debilitating symptomatic condition with pessimistic prognoses, leading many psychotic patients to develop a situation of chronic dependence on mental health systems. The work methodology is theoretical, however, with a focus on practical applicability, that is, when developing the theme, the aim is to offer means of action to therapists and mental health professionals who deal directly with patients in a psychotic process. The theoretical premises are based on the contributions of the two greatest authors in psychoanalysis: Freud and Lacan.

Keywords: Psychosis. Structure. Psychoanalysis. Therapy. Freud. Lacan. Language.

JUÍZO DE REALIDADE E A ESTRUTURA DA PSICOSE: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA A PSICOPATOLOGIA

Resumo

Este artigo tem por objetivo desenvolver o tema da psicose dentro de uma perspectiva estrutural. O ponto de partida é estudar o juízo de realidade, e como tal se expressa de forma distorcida nos sintomas, é preciso não apenas recuperar a capacidade de lucidez, mas sobretudo, entender a origem afetiva que precipitou o sujeito no processo patológico. Este trabalho se justifica pelo fato, já vastamente conhecido, de ser a psicose um quadro sintomático bastante debilitante e com prognósticos pessimistas, levando muitos pacientes psicóticos a desenvolver uma situação de dependência crônica em relação aos sistemas de saúde mental. A metodologia de trabalho é teórica, porém, com foco na aplicabilidade prática, ou seja, ao desenvolver o tema pretende-se oferecer meios de ação aos terapeutas e profissionais de saúde mental que lidem diretamente com pacientes em processo psicótico. As premissas teóricas estão fundamentadas nas contribuições dos dois maiores autores em psicanálise: Freud e Lacan.

Palavras – chaves: Psicose. Estrutura. Psicanálise. Terapia. Freud. Lacan. Linguagem.

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo descrever as condições estruturais que constitui a condição mental na psicose e como é possível aproveitar as teorias psicanalíticas (sobretudo do método de Lacan) para ampliar os conhecimentos em psicopatologia de modo a conduzir melhores intervenções terapêuticas. Trata-se, portanto, de aproximar os construtos teóricos da psicanálise de base freudiana com o modelo científico usado em psicopatologia.

O tema em questão será trabalhado tendo como base uma sequência de análises teóricas decrescente, ou seja, da área de maior abrangência para a de menor abrangência, assim sendo, começa-se analisando o tema desde a premissa descritiva da psicopatologia, depois se recorre a teoria psicanálise e por fim propõe-se uma análise estrutural acerca da psicose. A necessidade de integrar conhecimentos teóricos e refiná-los de acordo com a noção de estrutura é o fundamento que justifica este trabalho. Tal como é colocado no campo psicanalítico, é preciso pensar as condições psicopatológicas como estruturas, assim, tem-se um ganho tanto científico, pois melhores critérios diagnósticos podem ser forjados, quanto em abordagens terapêuticas mais eficazes a longo prazo.

Inicialmente cabe colocar o entendimento psicopatológico nos termos das descrições cientificamente utilizadas no campo psiquiátrico. Desta forma, deve-se destacar o valor do DSM – 5 (APA, 2014) que é o mais importante padrão diagnóstico utilizado para o entendimento científico dos quadros sintomáticos em psicopatologia. O manual citado oferece uma classificação de tipo descritiva que conduz o observador científico a perceber o fenômeno psíquico dentro de quadros sintomáticos escalonados em padrões temporais. Ou seja, dois pontos são considerados importantes no trato científico do psicopatológico: a sintomatologia (em seus níveis de gravidade e comprometimento sociopsíquico) e as periodicidades em que ocorrem crises e sintomas mais graves. No que se refere ao tema proposto tem-se que o termo psicose será utilizado enquanto acepção estruturante tal qual foi estipulada na pesquisa psicanalítica. No DSM -5 os sintomas psicóticos são utilizados como critérios diagnósticos para os seguintes conjuntos de transtornos: 1) Espectro da Esquizofrenia e outros transtornos psicóticos (que constam a partir da página 87); 2) transtorno Bipolar e transtornos relacionados (página a partir da 123); 3) Transtornos depressivos (página a partir da 155); 4) transtornos Dissociativos (a partir da página 291); 5) Disforia de gênero (a partir da página 451); e, 6) Transtornos de personalidade (a partir da página 645). Os vários conjuntos diagnósticos que podem constituir sintomas psicóticos demonstram a importância de tratar criteriosamente do tema. (APA, 2014)

Ao compreendermos o valor diagnóstico dos sintomas psicóticos é bom lembrar a formas como aparecem nos pacientes, há duas categorias de sintomas: os positivos caracterizados por alucinações, delírios e situações de descarrilamento de pensamento, confusões da linguagem e há os sintomas negativos nos quais prevalece embotamento afetivo, ausência de vontade e disfuncionalidades na coordenação motora. Associado a estas características há ainda a superabundância de situações de riscos e potencialmente catastróficas ligadas a impulsividades e sentimentos de despersonalização e irrealidade que dominam algumas pessoas acometidas pela condição psicótica.

Ao observar o conjunto de sinais e sintomas o profissional em saúde mental ficaria tentado a considerar os quadros psicóticos de maneira isolada, a categorização do DSM e outros manuais psiquiátricos tem utilidade farmacológica e de ajustamento para instituições que tratam de paciente, contudo, há que se reconhecer que para uma terapia cientificamente embasada não bastaria enquadrar o paciente em uma nosologia, ainda que tal seja útil, é necessário antes de tudo, perceber a psicose enquanto uma estrutura própria destacada de outros quadros psicopatológicos, e ao fazer tal recorte pode-se estipular as causas e mecanismos internos que são perpetuados por meio dos comportamentos e sinais observáveis na vida do paciente.

A discussão aqui proposta terá como material as descrições da psicanálise e o método seguirá a argumentação dinâmica acerca da qual a personalidade humana é composta por um conjunto típico de normas psíquicas a partir das quais se estruturam não apenas a personalidade dita normal, mas também todos os sintomas psíquicos que a humanidade apresenta. As hipóteses de trabalho podem ser reduzidos em uma proposição composta por quatro partes, a saber: *A psicose é uma estrutura linguística que causa uma grave desordem no sentimento de*

realidade¹ e a fala interior é a forma de manifestação da linguagem psicótica², por isso, o tratamento para psicose é eficaz³ se, e somente se, as causas linguísticas forem isoladas da condição sintomática subjacente⁴.

2. Materiais e métodos

Para realizar a proposta deste trabalho foi utilizado um método de análise teórica rigorosa sobre algumas das principais obras de dois autores muito relevante na psiquiatria do século 20, a saber: S. Freud e J. Lacan. Foram selecionados 4 (quatro) textos de Freud⁵ (conforme edição em português do Brasil), tais obras foram escolhidas tendo como critério o tema psicose tal como trabalhado nos estudos de caso que marcam a forma de escrita dos textos psicanalíticos. A importância de estudar os textos de Freud é tal que fez das obras deste autor a principal referência para muitas abordagens terapêuticas praticadas em todo o mundo.

Além dos textos de Freud foram selecionados 3 (três) textos de Lacan, cuja obra superabundou em referenciar Freud o que o tornou o principal nome na continuação do legado científico e psicoterapêutico iniciado pelo judeu pai da psicanálise. O critério para a escolha dos textos de Lacan deveu-se ao fato dele ter sido um excelente psiquiatra e ter elaborado intervenções e elucidações teóricas sobre o campo da psicose que, tradicionalmente, é a área da psicopatologia mais desafiadora aos pesquisadores tanto em psicologia quanto em psicanálise.

A metodologia consistiu em separar citações mais relevantes ao entendimento do assunto, tal seleção teve por objetivo aplicar o método estrutural que Lacan tanto utilizou para os estudos e aplicações da técnica e teoria analítica. A estrutura dos textos foi desmembrada dentro de dois quadros de análise (conforme consta nas tabelas abaixo) onde são destacados os pontos de convergência temática de Freud e Lacan, e posteriormente na seção de resultados e discussões é desenvolvida argumentação acerca das hipóteses levantadas inicialmente.

Textos básicos (citações e comentários)

Tabela 1: Textos de Freud

Texto base (número /nome)	Citações relevantes ao tema	Implicações para o conceito de psicose
1 – FREUD, S. <i>Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos.</i> (1901 – 1905); tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. - São Paulo: Companhia da Letras, 2016.	1. 1 - “Com o adiamento da maturação sexual porém, ganhou-se tempo para erguer, ao lado de outras inibições sexuais, a barreira contra o incesto, para acolher as prescrições morais que excluem expressamente da escolha objetual, como parentes sanguíneos, as pessoas amadas da infância. A observância dessa barreira é, antes de tudo, uma exigência cultural da sociedade, que tem de defender-se contra a absorção, pela família, dos interesses de que necessita para produzir unidades sociais mais elevadas, por isso atua, com todos os meios, no sentido de afrouxar em cada indivíduo, especialmente no jovem, os	No trecho 1.1 nota-se a importância da relação sentimental da criança com os pais na infância que nos termos psicanalíticos significa “complexo de Édipo” o que ocorre por volta dos 4 a 6 anos, a partir da inibição dos sentimentos vividos neste complexo a criança consegue desenvolver <i>uma linguagem subjetiva conforme a vida adulta</i> em acordo com a sociedade; já no trecho 1.2 é destacado que o processo de

¹Nesta frase tem-se a premissa da hipótese desta trabalho.

²Nesta segunda parte tem-se uma frase com valor aditivo que compõe o argumento geral presente na premissa.

³Aqui se tem uma frase que compõe de uma partícula de consequência, que depende da condicional colocada na frase a seguir.

⁴Aqui se tem uma frase marcada pela partícula com condição dupla o que indica a conclusão do argumento proposto.

⁵ Todas as obras consultadas para realização deste artigo foram de editoras brasileiras, tendo em vista o grande valor da linguagem para a discussão aqui proposta destaco que o idioma original desde artigo é o Português e posteriormente o conteúdo fora traduzido para inglês.

	<p>laços com a família, que eram os únicos decisivos na infância.” (p. 147)</p> <p>1. 2 - “Simultaneamente com a superação e repúdio dessas fantasias claramente incestuosas, sucede uma das realizações psíquicas mais significativas e também mais dolorosas da época da puberdade, o desprendimento da autoridade dos pais, através do qual se cria a oposição – tão relevante para o avanço cultural – da nova geração em face da antiga. Em cada uma das etapas do curso evolutivo que os indivíduos devem percorrer, certo número deles é retido, de modo que há pessoas que nunca superam a autoridade dos pais e não retiram – ou o fazem de modo incompleto – a ternura por eles.” (p. 150)</p> <p>1. 3 - “Em todas as psiconeuroses, os eventos psíquicos [<i>Vorgänge</i> no original] são os mesmos por um bom trecho, apenas depois entra em consideração a complacência somática, que proporciona aos eventos psíquicos inconscientes uma escapatória para o âmbito físico. Quando não há esse fator, surge algo diferente de um sintoma histérico, mas ainda aparentado a ele, uma fobia, digamos, ou uma ideia obsessiva – em suma, um sintoma psíquico.” (p. 218)</p>	<p>superação simbólica do complexo de Édipo é doloroso e dispense muita energia psíquica especialmente no período da puberdade onde os objetos sexuais devem ser necessariamente orientados à procriação; por fim, tem-se o trecho 1.3 onde consta a <i>formação sintomática da psicose</i> orientada por uma conversão de eventos psíquicos de alta relevância a sintomas físicos, Freud indica que certos sentimentos perturbadores no desenvolvimento psicosssexual, quando não superados retornam na forma dos sintomas, isso indica que os sintomas são apenas coisas secundárias sendo mais importante o mecanismo de formação do sintoma que o psicanalista entendeu como sendo inconsciente.</p>
<p>2 – FREUD, S. <i>Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912 – 1914)</i> tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.</p>	<p>2.1 “A possibilidade de uma magia contagiosa baseada na associação por contiguidade nos mostra, então, que o valor psíquico atribuído ao desejo e à vontade estendeu-se a todos os atos psíquicos que se acham à disposição da vontade. Há uma superestimação geral dos processos anímicos, ou seja, uma atitude para com o mundo que, em vista do que sabemos sobre a relação entre realidade e pensamento, só pode nos parecer uma superestimação deste último. [...] Podemos agora dizer, sintetizando, que o princípio diretor da magia, a técnica do modo de pensar animista, é o da onipotência dos pensamentos”. (p. 135 -136)</p> <p>2. 2 “Embora ainda não nos seja possível uma caracterização suficientemente precisa desse estágio narcísico, no qual os instintos sexuais até então dissociados se agregam numa unidade e tomam [investem] o Eu</p>	<p>No trecho 2.1 Freud estabelece a conexão entre desejo [ato psíquico] e os pensamentos, há uma correlação entre desejos e pensamentos que se apresenta como <i>Onipotência dos pensamentos</i> que nada mais é que projeção de desejos [inconscientes] contra os quais o sujeito costuma criar mecanismo de proteção. No trecho 2. 2 demonstra-se a relação entre libido narcísica com a escolha objetal, o seja, a instância psíquica Eu está sempre inclinado ao princípio do prazer, tal se expressa na sintomatologia psicótica cuja libido objetal tende a funcionar dentro de uma lógica narcísica; e em 2.3 observa-se a</p>

	<p>como objeto, já suspeitamos que a organização narcísica jamais será abandonada inteiramente. O ser humano continua narcísico em certa medida, mesmo depois de encontrar objetos externos para sua libido; os investimentos objetivos que ele realiza são como que emanações da libido que permanece no Eu, e podem ser novamente levados para ela. Os estados de enamoramento, psicologicamente tão notáveis, e que são os modelos normais das psicoses, correspondem ao mais alto grau dessas emanações, comparado ao nível do amor ao Eu.” (p. 141)</p> <p>2. 3 “O trabalho do sonho nos obriga a supor uma atividade psíquica <i>inconsciente</i>, que é mais abrangente e mais significativa do que aquela ligada à consciência, já nossa conhecida. (A propósito disso, haverá mais e mais a dizer quando discutirmos o interesse filosófico da psicanálise). Ele nos permite fazer uma divisão do aparelho psíquico em diferentes instâncias ou sistemas, e mostra que no sistema da atividade psíquica inconsciente ocorrem processos completamente diferentes daqueles que são percebidos na consciência.” (p. 337)</p>	<p>abrangência do <i>inconsciente</i> para compreensão dos aspectos psíquicos que até então estavam sob a penumbra da ênfase consciente; a consciência tem limites, porém, o inconsciente apresenta maior amplitude, na estrutura psicótica o <i>inconsciente</i> está exposto de forma visceral.</p>
<p>3 – FREUD, S. Amor e sexualidade, feminilidade; tradução Maria Rita Salzano Moraes. 1ª ed., 5, reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. (Obras Incompletas de Sigmund Freud)</p>	<p>3. 1 “A principal característica dessa organização genital infantil é, ao mesmo tempo, sua diferença da organização genital definitiva do adulto. Ela reside no fato de que, para ambos os sexos, apenas <i>um genital</i>, o masculino, possui um papel. Portanto, não há um primado genital, mas um primado do <i>falo [Phallus]</i>. [...] Infelizmente, só podemos descrever essas relações para o menino; falta-nos o conhecimento para os processos correspondentes na menina.” (p. 239)</p> <p>3.2 “Não se deve acreditar que a criança generalize sua observação – de que pessoas do sexo feminino não possuem pênis – tão rapidamente e de boa vontade; já lhe pesa a suposição de que a falta de pênis como consequência da castração seja um castigo. Ao contrário, a criança acha que teriam perdido o genital apenas as pessoas indignas do sexo feminino, que provavelmente se tornaram culpadas como ela pelas mesmas moções proibidas.” (p. 241)</p>	<p>No trecho 3.1 é possível destacar as seguintes questões: a diferença genital dominada pelo signo da presença ou ausência do falo, nota-se na argumentação que o órgão genital [masculino] desempenha papel norteador na estruturação da realidade psíquica do indivíduo seja enquanto menino ou seja menina, por fim, tem-se no trecho 3.2 a noção de castração como ligada a ausência do genital masculino o que, dentro da economia psíquica analítica, corresponde a um castigo ou perigo extremo, tal situação aparece na psicose por meio da negação [da castração] e se expressa nas implicações dolorosas presente nos sintomas.</p>

	<p>3.3 “Cada vez mais o complexo de Édipo revela sua importância como fenômeno central do período sexual da primeira infância. Depois ele declina, sucumbe ao recalçamento, costumamos dizer, e a ele se segue o período de latência. Mas ainda não ficou claro como ele se desfaz; as análises parecem demonstrar que isso ocorre devido a dolorosas decepções. A menininha, que quer se considerar a amada predileta do pai, vai ter um dia de sofrer um severo castigo da parte dele e se ver lançada para fora do paraíso. O menino, que vê a mãe como sua propriedade, passa pela experiência de vê-la retirar seu amor e seus cuidados e dirigi-los a um recém-chegado. Quando a reflexão enfatiza serem inevitáveis essas experiências dolorosas que contradizem o conteúdo do complexo, ela reforça o valor dessas influências.” (p. 247)</p>	
<p>4. FREUD, S. Neurose, psicose, perversão; tradução Maria Rita Salzono Moraes. 1. ed; 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Obras Incompletas de Sigmundo Freud)</p>	<p>4. 1 “Em conexão com uma discussão iniciada em outro lugar, que dizia respeito à origem e à prevenção das psicoses, ocorreu-me, então, uma fórmula simples que trata do que, talvez, seja a mais importante diferença genética [<i>genetische</i>] entre neurose e psicose: <i>a neurose é o resultado de um conflito entre o Eu e seu Isso, ao passo que a psicose é o resultado análogo de uma perturbação semelhante entre o Eu e o mundo exterior.</i>” (p. 271 – 272)</p> <p>4. 2 “Normalmente o mundo exterior governa o Eu de duas maneiras: primeiro, através de percepções atuais e sempre notáveis; segundo, através do repertório de percepções antigas que, como “mundo interior”, configuram um patrimônio e um componente do Eu. Na amênia, não apenas aceitação de novas percepções recusada [<i>verweigert</i>]; mas também o mundo interior – que até agora representou o mundo exterior como sua cópia – teve sua significação (investimento) retirada; o Eu cria automaticamente para si um novo mundo exterior e interior, e não resta dúvida sobre dois fatos: que esse novo mundo exterior é construído de acordo com as moções de desejo do Isso, e que o motivo dessa ruptura com o mundo exterior foi um</p>	<p>No trecho 4.1 observamos a psicose como um processo cuja estrutura essencial é o conflito do Eu com o mundo exterior, a noção de realidade [em muito depende do Eu que está entre o exterior e o interior] vê-se num processo de ruptura senso perceptiva que se expressa tanto nos sintomas quanto na busca de cura destes sintomas. No trecho 4.2 aparece a recusa [ou <i>rejeição</i>] como o mecanismo psíquico mais representativo da psicose, com isso tem-se que o que configura uma psicose e a diferença das demais condições psicopatológica [da neurose e da perversão] é a não aceitação de situações da realidade que contrariam a pulsão inconsciente que mobiliza o desejo do sujeito, por fim, tem-se o trecho 4. 3 que demonstra, de modo genial, como o sentimento de realidade [ou juízo] torna-se o motor para novas [e por vezes</p>

	<p>grave e intolerável impedimento de desejo [<i>Wunschversagung</i>] por parte da realidade. O estrito parentesco dessa psicose com o sonho normal é inequívoco. No entanto, a condição do sonho é o estado de sono, cujas características são o total afastamento da percepção e do mundo exterior.” (p. 273)</p> <p>4. 3 “A reelaboração da realidade na psicose ocorre nos sedimentos psíquicos dos vínculos até então mantidos com ela, isto é, nos traços mnêmicos, representações e julgamentos que dela se obteve até então, e através dos quais ela é representada na vida psíquica. [...] É provável que na psicose a parte de realidade rechaçada se imponha repetidamente à vida psíquica – assim como o fez a pulsão recalcada na neurose -, e é por isso que também são idênticas as consequências em ambos os casos.” (p. 285 - 286)</p>	<p>delirantes] representações, cujo objetivo primeiro é a “salvação” do psiquismo individual frente ao poder [da realidade exterior].</p>
--	---	---

Tabela 2: Textos de Lacan

Texto base (número /nome)	Citações relevantes ao tema	Implicações para o conceito de psicose
<p>1. LACAN, J. Introdução à questão das psicoses. O seminário livro 3: as psicoses. Tradução de Aluisio Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1988.</p>	<p>1.1 “A relação ao corpo próprio caracteriza no homem o campo no fim de contas reduzido, mas verdadeiramente irreduzível, do imaginário. Se alguma coisa corresponde no homem à função imaginária tal como ela opera no animal, é tudo o que o relaciona de uma maneira eletiva, mas sempre tão pouco apreensível quanto possível, à forma geral de seu corpo em que tal ponto é dita zona erógena.” (p. 20)</p> <p>1.2 “Traduzindo Freud, dizemos – o inconsciente é uma linguagem. Que ele seja articulado nem por isso implica que ela seja reconhecida. A prova é que tudo se passa como se Freud traduzisse uma língua estrangeira, e mesmo a reconstituísse recortando-a. O sujeito está simplesmente, no que alguém possa falar numa língua que lhe seja totalmente ignorada, diremos que o sujeito psicótico ignora a língua que ele fala.” (p. 21)</p> <p>1.3 “Há uma relação estreita entre, de um lado, a <i>denegação</i> e o reaparecimento na ordem puramente intelectual do que não está integrado pelo sujeito, e, de outro, a</p>	<p>No trecho 1.1 vê-se a consagrada divisão [Imaginário, Simbólico e o Real] que Lacan desenvolveu, neste ponto tem-se que a psicose é uma afetação induzida no Imaginário por meio da <i>erotização do discurso interno do sujeito, assim a função do Eu retrocede no processo de juízo de realidade.</i></p> <p>No trecho 1.2 vê-se como Lacan elaborou a teoria de Freud tendo como chave hermenêutica principal a linguagem, o inconsciente sendo uma linguagem traz em si mesmo seus mecanismos e significações que o sujeito [adoentado] não percebe, sendo necessário portanto a intervenção psicoterapêutica; por fim, o trecho 1.3 Lacan destaca o processo inconsciente dominante na estrutura psicótica a</p>

	<p><i>Verwerfung</i> e a alucinação, isto é, o reaparecimento no real do que é recusado pelo sujeito. [...] Esse fenômeno tem sua fonte no que chamaremos provisoriamente a <i>história do sujeito no simbólico</i>. [...] Porém, no sujeito normal, falar-se com seu eu não é nunca plenamente explicável, sua relação com o eu é fundamentalmente ambígua, toda assunção do eu é revogável. No sujeito psicótico ao contrário, certo fenômenos elementares, e especialmente a alucinação que é a forma mais característica, mostram-nos o <i>sujeito completamente identificado ao seu eu com o qual ele fala</i>, ou o eu totalmente assumido através do modo instrumental.” (p. 23)</p>	<p><i>Verwerfung</i> que é uma forma de recusar [a parte da realidade] frustrante aos desejos do inconsciente, porém, como é próprio da psicose esta recusa da realidade exige que sujeito crie para si mesmo um novo conjunto de representações substitutivas [neste sentido, é semelhante ao que ocorre na neurose] mas, diferentemente da neurose, na psicose o juízo de realidade está implicado na essência mesma da formação do inconsciente individual [o lugar da fala do eu infantil emerge] por isso os sintomas são mais físicos e dolorosos.</p>
<p>2. LACAN, J. <i>Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise</i>. In: LACAN, J. <i>Escritos</i>. Tradução Vera Ribeiro – 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.</p>	<p>2. 1 “Mostraremos que não há fala sem resposta, mesmo que depare apenas com o silêncio, desde que ela tenha um ouvinte, e que é esse o cerne de sua função na análise. [...] Mas qual foi, então, esse apelo do sujeito, para além do vazio de seu dito? Apelo a verdade em seu princípio, através do qual vacilarão os apelos de necessidade mais humilde. Mas, primeiro e de imediato, apelo próprio do vazio, na hiância ambígua de uma sedução tentada sobre o outro, através dos meios em que o sujeito coloca sua complacência e em que irá engajar o monumento de seu narcisismo.” (p. 249)</p> <p>2. 2 “Mesmo que não comunique nada, o discurso representa a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade; mesmo que se destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho.” (p. 253)</p> <p>2. 3 “Seus meios são os da fala, na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real.” (p. 259)</p>	<p>No trecho 2.1 Lacan destaca o valor terapêutico da fala do sujeito, ouvir a fala é mais que um mecanismo mecânico de decodificação de palavras, na análise e cura da psicose é preciso decodificar não simplesmente os sintomas psicóticos deve-se perceber a estrutura do sujeito psíquico como um todo, ou seja, tem que ouvi-lo no essencial de sua condição que, de acordo com a argumentação de Lacan é o significante faltante [a presença ou ausência simbólica do <i>falo</i>] que na vida adulta se expressa da forma dolorosa tal qual assume a geração de filhos. No ponto 2.2 Lacan demonstra como se pode operacionalizar a cura no tratamento do sujeito psicótico que ocorrerá por meio da apreensão da fala do sujeito sobre a verdade [interior] que aparece como mensagem psicótica.</p>
<p>3. LACAN, J. <i>Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade, seguindo de primeiros</i></p>	<p>3. 1 “Definição objetiva dos fenômenos da personalidade. Toda manifestação humana, para que a relacionemos à personalidade, deverá, pois, implicar: 1. um desenvolvimento biográfico,</p>	<p>No trecho 3.1 é colocada a função da personalidade como uma constante na apresentação de vários dos sintomas psicóticos. A psicose</p>

<p><i>escritos sobre a paranóia</i>; tradução de Aluisio Menezes, Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987.</p>	<p>que definimos objetivamente por uma evolução típica e pelas relações de compreensão que aí podem ser lidas. - Ele se traduz para o sujeito segundo os modos afetivos sob os quais ele vive sua história; 2. uma concepção de si mesmo, que definimos objetivamente por atitudes vitais e pelo progresso dialético que aí se pode descobrir. - Ela se traduz para o sujeito segundo as imagens mais ou menos “ideias” de si mesmo que ele traz à consciência; 3. uma certa tensão das relações sociais, que definimos objetivamente pela autonomia pragmática da conduta e pelos elos de participação ética que aí são reconhecidos. - Ela se traduz para o sujeito segundo o valor representativo pelo qual se sente afetado em relação a outrem.” (p. 31)</p> <p>3.2 “O exame mais rigoroso da origem do delírio mostra que, sob a influência de um estado afetivo crônico (do estado afetivo que corresponde ao complexo nomeado), os erros se originam consoante a um mecanismo em tudo similar àquele observado em pessoas sãs, quando uma paixão as toma. <i>O elemento patológico consiste em que esses erros permaneçam impossíveis de corrigir e se estendem por propagação.</i>” (p. 72)</p> <p>3. 3 “Tal comportamento supõe estados afetivos com muito forte <i>ação de circuito</i> e que possuem uma grande estabilidade, ultrapassando a resistência das funções lógicas. Desse modo, as associações que correspondem ao estado afetivo se beneficiam de facilidades excessivamente poderosas e duradouras, aquelas que se lhe opõem são entravadas; daí resulta um certo enfraquecimento lógico, mas, antes de tudo, relações pessoais falsificadas e ilusões da memória [...] no delírio de perseguição, a transferir as causas de seu fracasso para o mundo exterior; na luta que empreende contra este último, o doente não mais necessita rebaixar sua autoestima, podendo, ao contrário exaltá-la da maneira mais direta ao assumir a posição de quem luta pelo direito. <i>O caráter invasivo comparável ao câncer e a incurabilidade do</i></p>	<p>enquanto fenômeno mórbido só pode ser compreendido a partir da noção de estrutura de personalidade. Já no ponto 3.2 observa-se que a psicose quando instalada na estrutura da personalidade funcionaria como uma espécie de “verme” psíquico, cuja causa é em tudo afetiva; paixões arraigadas nas profundezas da personalidade quando não tratadas eclodem na superfície da realidade biológica, social e psíquica provocando uma debilidade paralisante que em muitos casos é fatal. Por fim, tem-se o ponto 3.3 onde os sintomas psicóticos são comparadas a um circuito no qual circula processos egocêntricos disfuncionais que podem ser explicados a partir do conflito do desejo que na psicose assume uma posição de irrealizável.</p>
--	--	--

	<i>delírio são determinados pela persistência do conflito entre o desejo e a realidade.” (p. 73)</i>	
--	--	--

3. Resultados e discussões

Aparelho mental e a realidade

O aparelho mental, tal como demonstra a descoberta de Freud, é composto de várias funções que são plenamente explicáveis apenas pela via da decodificação [ou interpretação] da linguagem inconsciente. Na primeira tabela, apresentada na sessão anterior, há quatro resumos que ilustram algumas elucidações freudianas do inconsciente e como tais contribuições se aplicam a explicação dos fenômenos psicóticos. O processo que aparece na forma de sintomas psicóticos tem uma raiz, sobretudo na forma de mecanismos inconscientes, que atuam na estruturação da personalidade humana já desde os primeiros anos de vida.

Destaca-se que, na linguagem do inconsciente, o elemento formador que dirige os vários processos da vida adulta é aquilo que Freud chamou de “Complexo de Édipo”, neste complexo o mais relevante é a superação simbólica que se faz quando a criança internaliza as normas sociais básicas, entre as quais a mais importante é a barreira do incesto. O aparelho psíquico elabora o complexo de Édipo de maneira simbólica, por isso mesmo depois de adulto a representação parental continua a ser o eixo em torno do qual o indivíduo se situa na realidade interna e externa. Diante disso, tem-se que o juízo de realidade e demais representações mentais é dependente de sentimentos que remontam a vida infantil, desenvolvidos nos primeiros anos quando a interdição do objeto [sexual] materno ou paterno aparece em primeiro plano.

A psicose, assim como a neurose e a perversão, são quadros sintomáticos que podem ser desvendados a partir da formação ou da história do sujeito. Mas as informações biográficas que contribuem para decodificar o processo patológico devem ser postas em perspectiva, ou seja, nem tudo que é relevante o sujeito realmente diz. Em se tratando de psicose a maior relevância não deve ser dada a confusão ou aos elementos dissociativos que apareçam nos comportamentos e na linguagem, mas sim na relação de *circuito e recompensa* sobre o desejo [geralmente frustrado] que é a origem do conflito psicótico.

Considerando as contribuições psicanalíticas tanto de Freud quanto de Lacan se tem que: na condição psicótica a instância mais sobrecarregada é o Ego [Eu] por isso o Ego fica mais passivo [tal como aparece em certos sentimentos de feminilidade característico em psicoses masculinas], ou seja, é o Ego quem sofre a ação do Id [Isso] que desempenha uma função muito mais ativa no aparecimento dos sintomas, já o Superego [Supereu] é a instância sobre a qual as iniciativas de reelaboração da realidade subjetiva tendem a incidir, tal ocorre porque é no Superego que as figuras parentais ficam internalizadas, assim, uma “readequação” simbólica da realidade ganha formas delirantes ou alucinatórias quando o sujeito tenta superar fatos biográficos que já estão sedimentados desde a infância.

Portanto, no aparelho psíquico o juízo de realidade não é composto simplesmente por apreensões lógicas do mundo e dos seres que vive neste mundo, há um substrato mais profundo, ou segundo uma linguagem psicanalítica: há uma camada mais fundamental onde os sentimentos inconscientes são tão fortes quanto a lógica, e por isso é na linguagem inconsciente que se pode entender a gênese de todas as representações mentais, sejam elas simples ou complexas, normais ou patológicas. A realidade, entendida psicologicamente, é elaborada através da função do Ego [Eu] quando este mantém relações de investimento libidinal com o próprio corpo e depois com o corpo de pessoas amadas tanto na infância quanto na vida adulta, por isso, quando ocorre a abertura de um processo psicótico o sujeito demonstra grandes dificuldades para manter-se em ajustamento com as formas ideais do Ego o que gera uma ruptura invasiva ao entendimento subjetivo mais imediato, tal processo afeta tanto o sujeito adoentado quanto aqueles que precisam lidar com ele.

Psicose: uma estrutura da linguagem psíquica

A partir da argumentação proposta por Freud e por Lacan, conforme consta nas tabelas 1 e 2, percebe-se que a psicose é um certo conjunto de signos significativos que superaram a barreira do sentimento de realidade enraizado nas primeiras experiências infantis. Entre estes signos cabe destacar aqueles presentes no complexo de Édipo, entre os quais se destaca a angústia de castração. O sentimento que aparece no Édipo é orientado pela

dialética simbólica do *falo*, tando a personalidade feminina quanto a masculina serão marcados pelo simbolismo relacionado ao pênis.

A psicose é uma estrutura linguística; é a forma como os complexos libidinais infantis [mais devastadores para condição humana] tomam forma na realidade do sujeito adulto. Destruir os sentimentos infantis é algo impossível, por isso os sintomas psicóticos são tão dolorosos, comecemos por decodificar esta linguagem fazendo a diferença entre feminino e masculino.

A experiência feminina [que não foi totalmente desvendada por Freud] implica a aceitação [na infância] de sua posição de negatividade fálica o que significa em termos simbólicos seguinte equação: $\{M^6 = -f^7\} \#^8 \{-f^9 + a^{10} = f^{11} (v^{12} + 1f^{13})\}$; na mulher o essencial é a ausência do pênis/falo, tal situação aparece em processos inconscientes quando o sujeito feminino constata a importância do *falo* na dialética sexual então ocorre como consequência sentimental da equação um símbolo faltante, a seguinte ordem simbólica aparece nos sentimentos profundos: o *falo a menos* que somado a *angústia* da castração tem na visualização da realidade genital feminina um correlato do complexo de castração e para compensar o objeto faltante ocorre um desejo substitutivo de ter um filho do pai o que faz a mulher entrar no complexo de Édipo tal como foi delineado por Freud. Esta equação é o resumo bastante esquemático das considerações freudianas, por enquanto, pode-se constatar nesta fórmula: $\{M = -f\} \# \{-f + a = f(v + 1f)\}$ um protótipo [provisório] do centro patológico que opera na psicose feminina e que por contágio simbólico opera também sobre o homem fazendo que o dilema inconsciente do complexo de castração retorne na vida masculina mesmo depois da superação do complexo de Édipo.

No caso masculino a fórmula é simbolicamente mais simples, no entanto, é vivenciada de modo mais dramático. No complexo de Édipo o menino já vivencia de forma inconsciente uma relação incestuosa, sobretudo por meio das fantasias, sonhos e elementos projetados em brinquedos e brincadeiras; somente com a experiência do medo da castração é que de fato o complexo de Édipo é superado; obtendo-se o seguinte esquema: $\{H^{14} = m^{15} + f^{16}\} \# \{a^{17} = f(P)^{18} - m^{19}\}$; o homem está psicologicamente ligado ao amor pela mãe, desde os primeiros meses de vida, quando ocorre a fase do Édipo este amor se vincula ao valor simbólico do *falo* que é representado na economia psíquica masculina com o sinal de positivo, indicando sua presença, porém, conforme indicado após o # no processo inconsciente masculino o valor do *falo* só vale enquanto ligado no erotismo em relação a mãe, porém, quando o menino entende psicologicamente que sua mãe não tem pênis e que, portanto, do ponto de

⁶Mulher, a fêmea da espécie humana.

⁷*Falo*: objeto do desejo envolvido na relação sexualmente reprodutiva.

⁸Processo inconsciente.

⁹Falo, tal como representado por Freud na economia psíquica da mulher.

¹⁰Angústia, tal como elaborada na obra de Lacan.

¹¹Falo simbólico introjetado na economia psíquica da mulher diante da angústia de castração.

¹²*Falo* relacionado a vagina, na economia psíquica da mulher segundo Freud; a vagina é local de depósito; local do pênis dirigido a reprodução.

¹³O simbolismo fálico no desejo feminino de ter um filho, inicialmente no complexo de Édipo fica restrito a receber um filho do pai e na vida adulta normal se volta a um homem que no simbolismo fálico substitui o pai.

¹⁴Homem enquanto espécie.

¹⁵Representação da mãe, que na dialética de Lacan é denominada o outro na economia psíquica do imaginário.

¹⁶*Falo*; tal como vivenciado na experiência do autoerotismo da criança do sexo masculino.

¹⁷Angústia da castração que aparece quando o menino se dá conta que a mãe não possui pênis.

¹⁸*Falo do Pai*, representa a relação de identificação e de autoridade que o Pai exerce sobre o filho.

¹⁹Mãe enquanto o objeto de amor interdito para relação sexual, em função da medida de autoridade exercida pelo pai o simbolismo psíquica da mãe fica negatizado no inconsciente do menino.

vista do *falo*, ela é castrada, a ligação erótica declina em função do medo que o menino sente de ficar como a mãe, então aparece a interdição do pai que na equação está como P ao lado do *f* [*falo*] indicando o valor de identificação subjetiva com a autoridade daquele que não apenas teve posse erótica completa sobre a mãe como também mantém posse do órgão genital considerado com o valor positivo no início da equação.

Significante falo e a estrutura faltante

O significante mais importante na causa da psicose será o *falo* (*f*), a seguir há uma citação de Freud onde o elemento sexual masculino é enfatizado, até mesmo na condição psicótica que aparece na gênese da posição feminina: “Neste ponto, bifurca-se o assim chamado complexo de masculinidade da mulher, o qual, eventualmente, trará grandes dificuldades ao desenvolvimento predeterminado a feminilidade, caso a mulher não consiga logo superá-lo. A esperança de algum dia ter um pênis e assim se igualar ao homem pode conservar-se até épocas incrivelmente tardias e tornar-se motivo de atos estranhos, incompreensíveis de outro modo. Ou a mulher ingressa no processo que eu gostaria de chamar de recusa [*Verleugnung*], que não parece ser nem raro nem muito perigoso na vida anímica da criança, mas que, no adulto, poderia iniciar uma psicose”. (FREUD, 1925, p. 265)

Na argumentação freudiana e da psicanálise de base freudiana que Lacan praticou há uma identificação da estrutura psicótica em geral com a personalidade feminina, tal como ela é elaborada no “complexo de Édipo”. Aplicando a estrutura psicótica com a experiência feminina podemos obter uma formulação mais geral que seria útil para desvendar a causa geral da psicose, por isso, tomarei as duas fórmulas elaboradas no tópico anterior como ponto de partida para elaborar a estrutura geral da psicose, aplicável para ambos os gêneros, para tanto, é importante esclarecer um fato de suma importância: a psicanálise de Freud, segundo suas próprias palavras, não conseguiu entender plenamente o processo de formação do psiquismo feminino, porém, Lacan fez um salto qualitativo e neste ponto em particular o discípulo superou o mestre.

Lacan entendeu a econômica do psiquismo dentro de uma linguagem [simbólica geral] cuja fórmula principal pode ser resumida na seguinte frase: “*Ele tem [o falo] sem tê-lo; ela é [o falo] sem tê-lo*” esta fórmula com forte representação poética indica uma condição para a experiência sexual normal, porém, como o assunto principal da psiquiatria foi o adoecimento aquela fórmula ajuda também a entender a situação associada ao desejo distorcido, então, o que aparece na experiência do paciente é mais do simbolismo fálico que é permanentemente adoecedor inclusive no âmbito sociológico maior: “Aliás, no próprio nível linguístico, o termo *sem, sine*, em latim, é profundamente correlato à posição do *haud*. Dizemos *non haud sine, não sem*. Há um certo tipo de ligação condicional que liga o ser ao ter numa espécie de alternância. Ele não é aí sem tê-lo, mas, em outro lugar, lá onde ele é, isso não se vê. Não será isso que nos demonstra a função sociológica do falo, desde que o tomemos no nível maiúsculo, onde ele encarna a função mais alienante do sujeito na troca? Na troca social, o sujeito masculino circula, reduzido a ser portador do falo. É isso que torna a castração necessária numa sociedade socializada, onde há proibições, como nos assinalou Claude Lévi-Strauss. O verdadeiro segredo, a verdade de tudo que ele faz gira na estrutura em torno da troca de mulheres, é que, por trás da troca das mulheres, os falos vêm satisfazê-las. Não convém que vejamos que é o falo que está em causa. Quando o vemos, angústia.” (LACAN, 1963, p. 101)

Ao tomarmos as fórmulas elaboradas para compreender o papel fundamental do complexo de Édipo para o psiquismo humano tem-se um padrão que pode ser utilizado na fórmula geral da psicose que pode ser utilizado da seguinte maneira:

Sendo o complexo de Édipo masculino simbolicamente representado como: $\{H^{20} = m^{21} + f^{22}\} \# \{a^{23} = f(P)^{24} - m^{25}\}$ então, tem-se que a psicose ocorre sempre que estes elementos se cruzam de forma anormal com o simbolismo do complexo de Édipo tal como parece no psiquismo feminino que foi representado anteriormente pela fórmula: $\{M^{26} = -f^{27}\} \#^{28} \{-f^{29} + a^{30} = f^{31}(\sqrt{3^2} + 1f^{33})\}$

Portanto, uma fórmula geral para a estrutura da psicose pode ser assim representada $\{Ps = +f - m\} \# \{a + r = -f + s\}$; sendo: Ps a Psicose; +f a simbologia do *falo* presente; -m ausência da mãe ou do objeto erótico substituto; # representa o processo de crise no inconsciente que ocasiona o aparecimento da psicose; a representa a angústia de castração que aparece na forma de um sentimento recusado [*Verwerfung*] e está no centro do tormento inconsciente; e r representa o sentimento de realidade que entra em ruptura diante da constatação simbólica do *falo* [negativado] ou *castração simbólica* que se expressa nos sofrimentos por s [o sujeito do inconsciente que sofre as influências dos sintomas psicóticos]

No próximo tópico estas questões teóricas serão observadas a partir de uma forma prática, como seria possível operar terapêuticamente nos casos mais graves de psicose? Para responder tal pergunta foi elaborada a hipótese de trabalho; a saber: *A psicose é uma estrutura linguística que causa uma grave desordem no sentimento de realidade e a fala interior é a forma de manifestação da linguagem psicótica, por isso, o tratamento para psicose é eficaz, se, e somente se, as causas linguísticas forem isoladas da condição sintomática subjacente; a viabilidade teórica destas proposições será demonstrada a seguir.*

Tratamento: proposta de estrutura para o quadro psicótico

A partir de tudo que fora colocado até aqui, sugere-se uma lei geral, aplicável a psicose; que seria composta por duas partes; a primeira: $\{Ps: +f - m\}$, o que só tem validade prática quando associado a outra parte da equação que representa $\{a + r = -f + s\}$ tal seria a aplicação da psicose nos sujeitos singulares com os quais os terapeutas ou psiquiatras lidam no seu cotidiano. Tanto na forma geral da lei, quanto em sua aplicabilidade individual o que está ressaltado é que nos quadros psicóticos o elemento simbólico ligado ao *falo*, está posto como problema principal que associado à angústia de castração precipitam o sujeito em uma série de retificações sintomáticas da realidade.

²⁰Homem; entendido como o gênero humano.

²¹Representação da mãe, que na dialética de Lacan é denominada o outro na economia psíquica do imaginário.

²²*Falo*; tal como vivenciado na experiência do autoerotismo do menino.

²³Angústia da castração que aparece quando o menino se dá conta que a mão não possui pênis.

²⁴*Falo do Pai*, de acordo com a relação de identificação e de autoridade que o Pai exerce sobre o filho.

²⁵Mãe enquanto o objeto de amor interdito para relação sexual, em função da medida de autoridade exercida pelo pai o simbolismo psíquica da mãe fica negativado no inconsciente do menino.

²⁶Mulher: a fêmea da espécie humana.

²⁷*Falo negativado*: objeto feminino envolvido na relação sexual.

²⁸Processo de ruptura inconsciente.

²⁹*Falo*, tal como representado por Freud na economia psíquica da mulher.

³⁰Angústia, tal como elaborada na obra de Lacan.

³¹*Falo* simbólico: introjetado na economia psíquica da mulher por meio da vivência infantil da angústia de castração.

³²Valor da vagina na economia psíquica da mulher, tradicionalmente a vagina é entendida como local de depósito; local do pênis dirigido a reprodução.

³³O simbolismo fálico no desejo feminino de ter um filho, inicialmente no complexo de Édipo fica restrito a fantasia infantil de receber um filho do pai e na vida adulta normal se volta ao homem que exerça função de pai na relação sexual.

Outro fator importante é a relação de identidade sexual, que tanto em homens quanto em mulheres [cada gênero de acordo com seu modo peculiar], está ligada a um sentimento subjetivo profundo em relação a presença ou ausência do objeto que exerce importância na função sexual. Na psicose este objeto [da função sexual] aparece de modo um tanto nu e cru, sendo diretamente correlativo do significante fálico. E a função significante do *falo*, via de regra, aparece carregado de uma positividade simbólica, ou seja, na psicose sempre haverá algo com valor substituto do *falo* que mobiliza afetos eróticos de grande intensidade sobre a realidade vivencial imediata do sujeito. Quem fica acometido pela psicose vê-se numa posição de passionalidade simbólica radical; e, conforme Lacan já identificou, representa um sentimento de *invasão* psíquica que leva a percepção de que os objetos do real sobrepuja a função simbólica, por isso ocorre os sentimentos de delírio, alucinações que são apenas algumas das mais leves consequências deste processo patológico.

Conforme foi colocado na hipótese de trabalho, a psicose é essencialmente uma certa disfunção simbólica, ou seja, *uma estrutura linguística*, que ocorre nas profundezas do aparelho psíquico. A forma como esta disfunção aparecerá é por meio de um afeto submetido a uma recusa ou, *Verwefung* termo alemão originalmente usado por Freud e recuperado na elaboração teórica de Lacan. Quando o afeto [inconsciente] é recusado [*Verwefung*] ocorre um correlato processo substitutivo presente na estrutura mesma da psicose.

Portanto, o profissional em saúde mental precisará auxiliar o paciente a que ele recupere um novo ponto de autonomia psíquica por meio do qual o psiquismo individual seja capaz de elaborar os traumas psíquicos dentro do aparelho simbólico sem precisar recorrer a estrutura psicótica, por isso, conforme foi pontuado na hipótese é necessário que *as causas linguísticas sejam [tecnicamente] isoladas da condição sintomática subjacente*, pois tratar simplesmente as sintomatologias não surtirá efeito já que a estrutura psicótica reclama da parte do ser humano uma reforma completa da capacidade de realizar atos psíquicos. Os atos psíquicos principais envolvidos na psicose são aqueles relacionados a essência mesma da vida humana, tanto no que diz respeito a reprodução física quanto as vivências físicas imediatas subjacentes a qualquer ser apto à vida sexual.

Reestabelecer a capacidade de juízo de realidade pressupõe que o paciente recupere seus processos de elaboração afetiva, a terapêutica, inicialmente precisará partir dos jogos e da lógica simbólica a partir de onde operam os sintomas, sobretudo, os sintomas positivos (alucinações e delírios), tais podem demonstrar em que nível de angústia se encontra o sujeito. O próximo passo seria lembrar aos pacientes seus próprios caminhos mentais até a chegada no período patológico e, por fim, caso ocorra uma evolução, o terapeuta pode propor um nível discursivo novo acrescentando na lógica discursiva já elaborada pelo paciente novos elementos que o torne afetivamente mais resistente às vivências angustiantes dentro do quadro simbólico que deram origem a psicose, em outras palavras: uma terapia da psicose requer que o sujeito psicótico consiga falar de maneira sincera daquilo que lhe causa angústia, nomear é o ponto de superação da ruptura significativa que implica a psicose.

4. Conclusão

Para concluir irei expor brevemente a principais conclusões e deduções retiradas da análise do tema proposto. A partir da discussão de Freud e Lacan claro está que os processos psicóticos que aparecem na forma de sintomas é composto pelas resistências e distorções patológicas do material inconsciente recusado [*Verwefung*], este algo que está sob o efeito da rejeição aparece negativado indicando que é precisamente o que cai sob a influência da *Verwefung* que deve atrair a atenção do terapeuta, via de regra esta negação tem relação com a recusa em reconhecer o complexo de castração [processo vivenciado nos anos da infância], razão pela qual a eclosão das respostas psicologicamente defensivas ocorrem sempre no campo do real vivenciado no corpo do sujeito adoentado.

A fórmula $\{Ps = +f - m\} \# \{a + r = -f + s\}$ foi elaborada tendo como base a noção psicanalítica de formação psíquica da identificação sexual do gênero humano, cabe destacar que o elemento mais relevante ao tratamento da condição psicótica é a angústia de castração, é preciso perceber como o sujeito vivencia o próprio sexo e posteriormente observar o que a interação com o sexo produz em termos de afetos e inibições psíquicas. Deve-se destacar também que o elemento simbólico *r* que é o sentimento de realidade tal como é elaborado pelo paciente adoentado precisa ser reconhecido através de um anamnese detalhada sobre a biografia do sujeito

(falada por ele próprio) e mesmo que tal ocorra de maneira fragmentária é sempre possível incluir os dados dentro do quadro maior da realidade que o paciente vivencia.

A noção de juízo de realidade depende da função simbólica que opera por meio da fala, no caso da psicose esta fala é vivenciada de modo invadido e duplicado, como se o sujeito fosse dois em si mesmo. O sentimento de realidade psicótico é afetado pela identificação da angústia de castração ligada ao objeto sexual que passou por algum processo de interdição. Uma solução terapêutica para o sujeito acometido pela psicose deve, portanto, ser orientado no sentido não diretivo, ou seja, não cabe ao terapeuta direcionar o psiquismo do psicótico, nem tão pouco lhe oferecer razões substitutivas para sua angústia de castração. Superar esta forma de angústia [após a infância] é muito mais dispendioso e exigirá uma postura dupla tanto do paciente quanto do terapeuta: primeiro é preciso identificar a evolução do simbolismo fálico percebendo quais os objetos afetivos substitutos dos objetos sexuais infantis e, por fim, encontrar um elo entre a realidade vivenciada ao longo do desenvolvimento biográfico e o simbolismo presente nos sintomas.

5. Referência bibliográfica

1. FREUD, S. *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos*. (1901 – 1905); tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. - São Paulo: Companhia da Letras, 2016.
2. FREUD, S. *Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912 – 1914)* tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
3. FREUD, S. *Amor e sexualidade, feminilidade*; tradução Maria Rita Salzano Moraes. 1ª ed., 5, reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).
4. FREUD, S. *Neurose, psicose, perversão*; tradução Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed; 2 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Obras Incompletas de Sigmundo Freud).
5. LACAN, J. *Introdução à questão das psicoses. O seminário livro 3: as psicoses*. Tradução de Aluisio Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1988.
6. LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro – 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
7. LACAN, J. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade, seguindo de primeiros escritos sobre a paranóia*; tradução de Aluisio Menezes, Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987.
8. American Psychiatric Association (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento [et al.] revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli [et al.] 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

INFO

Corresponding Author: [Rízia Eduarda Andrade](#), **Psychologist with a master's degree in regional science from the Federal University of Sergipe, Independent researcher.**

How to cite/reference this article: [Rízia Eduarda Andrade](#), **JUDGMENT OF REALITY AND THE STRUCTURE OF PSYCHOSIS: CONTRIBUTIONS OF PSYCHOANALYSIS TO PSYCHOPATHOLOGY**, *Asian. Jour. Social. Scie. Mgmt. Tech.* 2024; 6(4): 44-58.